



Fé & Nexo

Informação e reflexão para o povo metodista

Quando Jesus voltará?

Artigo aborda questões sobre o fim do mundo levantadas pelo filme 2012



A graça divina e sua ação na vida humana – Carta Pastoral

Agenda Regional 2010

Fevereiro

13 a 17 - Retiro de Camaral;
18 e 19 - Retiro do Ministério do Discipulado;
22 a 26 - ILI - Instituto de Liderança Interna;

Março

06 - Enc. Reg. da Mulher Metodista -
Federação de Mulheres;
09 a 12 - MAPI;
12 - Vigília Regional - Feder. Juvenis
12 a 14 - Capacit. de Equipes Distritais e PIs-
Assessores (V. Isabei) - DRTC;
13 - Encontro de Esposas de Pastores nos
Distritos - Baixada e Parha;
20 - Festa da Moidade - Feder. Jovens;
20 - Enc. Nac. da Mulher Metodista
(Educação à Distância) Feder. Mulheres;
20 - Treinamento Discípulos e Mestres
Distrito de Campo Grande;
21 - Dia da Moidade - Igrejas Locais;
24 a 26 - Retiro de Pastores(as);
26 a 28 - Enc. Reg. de Capacit. de Liderança
das Federações;
27 - Seminário Integrado;
27 - Treinamento Discípulos e Mestres
Distritos da Baixada / Norte e Sul Fluminense
/ Região dos Lagos;
27 - Encontro da Pastoral Carcerária -
Distrito de Resilengó - Ação Social;

Abril

01 a 04 - Páscua;
01 a 04 - JUVENILIA - Feder. Juvenis;
10 - Encontro Distrital (Barra Mansa)
Sombra e Água Fresca - Ação Social;
10 - Treinamento Discípulos e Mestres
Distritos de Nilterói e São Gonçalo;
11 - Enc. da Past. Carcerária - Rio Bonito
Distrito de São Gonçalo - Ação Social;
17 - Treinamento Discípulos e Mestres
Distrito de Campo Grande;
23 - Dia da Federação de Mulheres;
23 a 25 - Retiro da Juventude;
24 - Dia Reg. de Oração pela Criança;
24 - Seminário Integrado;
24 - Treinamento Discípulos e Mestres
Distritos da Baixada / Norte e Sul Fluminense
/ Região dos Lagos;
24 - Encontro Distrital (Resilengó) Sombra e
Água Fresca - Ação Social;
26 a 29 - Ministerial Regional;

Mai

05 - Dia das Sociedades Metodistas de
Mulheres - Feder. de Mulheres;
07 e 08 - 1º Enc. da Juventude da Pastoral
de Combate ao Racismo - Ação Social;
08 - Treinamento Discípulos e Mestres -
Distritos de Nilterói e São Gonçalo;
08 - Enc. da Pastoral Carcerária - Distrito de
Nilterói - Ação Social;
15 - Capacitação Regional de um dia para
Conselheiros(as) de Juvenis;
15 - Encontro de Filhos(as) de Pastores(as) -
E.FI.PA.
21 - Vigília Regional do Coração Aquecido -
Tema: "Ensaie a mente" - Exp. Missionária;
22 - Treinamento Discípulos e Mestres
Distrito de Campo Grande;
26 a 28 - Retiro de Pastores(as);
29 - Tratamento Discípulos e Mestres -
Distritos da Baixada / Norte e Sul Fluminense
/ Região dos Lagos;
29 - 1º FÓRUM do Trabalho - Projeto Dando
as Mãos - Ação Social;

Junho

03 a 06 - Encontro Nac. da Educ. Cristã;
05 - Treinamento Discípulos e Mestres -
Distritos de Nilterói e São Gonçalo;
06 - Conem, do 2ºº ano de existência da
pastoral de comb. ao racismo - A. Social;
09 a 18 - Encontro Juvenil "uprising" com
S.U.L.F.E - Exp. Missionária;
12 - Reunião de Ass. Reg. (Rio) Sombra
e Água Fresca - Ação Social;
16 a 18 - Retiro de Pastores(as);
19 - Capacitação Regional - Sombra e Água
Fresca - Ação Social;
19 - Encontro de Esposas de Pastores nos
Distritos - Sul Fluminense;
19 - Treinamento Discípulos e Mestres
Distrito de Campo Grande;
19 a 21 - Reg. de Liderança "Criança, vem
pra comunidade" (Clay) - DRTC;
26 - Seminário Integrado;
26 - Treinamento Discípulos e Mestres
Distritos da Baixada / Norte e Sul Fluminense
/ Região dos Lagos;
26 e 27 - II Enc. Reg. de Evangelistas - Esc.
de Missões / Lanç. da Revista "O Metodista
Evangelista" - Exp. Missionária;



*Testemunhar as Sinais da Graça
na Unidade da Corba de Cristo*

Igreja Metodista - 1ª Região Eclesiástica - www.metodista-rio.org.br



Sumário

CAPA: Quando Jesus voltará?

Recentemente, o lançamento de um filme trouxe à tona questões envolvendo o final dos tempos. O artigo Apocalipse: o filme 2012 e o fim do mundo, do pastor Marcelo Carneiro, responde a indagações que giram em torno desta polêmica, recorrendo à Bíblia como fonte de orientação e regra de fé e prática. Página 12

Carta aos leitores 4

A Nova Comunidade de Discípulos:
Fundação e Caminho 5
Estudo e Reflexão

A graça divina e sua ação na vida humana 7
Documento

O ministério da consolação: seguindo
os ensinamentos de Paulo 10
Espaço aberto

João Ferreira de Almeida 14
História Viva

Revista da Igreja Metodista no Estado do Rio de Janeiro



Nº 26 – janeiro-fevereiro/2010

Expediente

Bispo da Primeira Região Eclesiástica
Paulo Lockmann

Conselho Editorial
Ronan Boechat de Amorim –
coordenador,
Selma Antunes da Costa, Deise
Marques, José Milson Fabiano, Clóvis
Paradela, Nádia Mello, Marcelo
Carneiro e Paula Damas Vieira.

Editora e jornalista responsável
Nádia Mello (MT 19.333)

Assistente de redação
Paula Damas

Revisão
Evandro Teixeira

Capa
Renato Ormond

Editoração Eletrônica
Olga Rocha dos Santos

Circulação: 10 mil exemplares

Esta publicação circula como
suplemento do **Jornal Avante**,
não sendo, portanto, distribuída
separadamente.

Calendário Litúrgico

Janeiro-Fevereiro

A Epifania (3ª estação)

Período: 6 de janeiro a 29 de fevereiro.

Cor litúrgica: branco por oito dias e depois, amarelo-ouro, a cor mais alegre de todas, a cor da realeza.

Temas básicos: manifestação do Cristo ao mundo como salvador de todas as pessoas.

Símbolos litúrgicos: estrela e coroa dos magos, mãos, peixes.

Ora vem Senhor Jesus!

O fim de mundo sempre foi assunto das mais diversas pregações ao longo dos séculos. Com base nesse tema, até já surgiram grupos religiosos fanáticos que se precipitaram em determinar a data desse advento. A sétima arte, se valendo dos recursos tecnológicos, também já descreveu de várias formas o fim da humanidade. Com o filme *2012*, recentemente em cartaz, o assunto volta a ser discutido. Percebemos que muitos dizem conhecer as Escrituras. No entanto, não basta ler. Temos que também entender os textos sagrados. Quando se trata de escatologia bíblica, nada melhor que recorrer ao livro de Apocalipse para esclarecer possíveis dúvidas.

Quando se fala no fim do mundo, fala-se necessariamente na segunda vinda de Jesus. Essa é a questão que mais incomoda a humanidade. Mas a Palavra de Deus é contundente quanto a isso: o dia e hora apenas Deus e seu Filho sabem. O Senhor, porém, nos deixou a certeza de um novo Céu e nova Terra. E todos cristãos devem aguardar fielmente por esse dia. Além de não sabermos quando será o Dia do Senhor, não temos subsídios suficientes para precisar como tal fato se dará. Por isso, no artigo de capa desta edição, o pastor Marcelo Carneiro aborda os questionamentos que ainda pairam na mente de crentes e não crentes: como e quando será o fim do mundo?

Enquanto aguardamos, acompanhamos os sinais que anunciam a volta do Senhor. No entanto, as Escrituras também nos advertem que serão também dias de tribulação. “No mundo tereis aflição”, diz a Palavra. No entanto, o mesmo Deus que nos alertou quanto às dores mundanas também garantiu estar ao nosso lado dando o consolo necessário. No artigo da página 10, pastor Edson Fernando, com base em 2 Coríntios, trata de uma verdade incontestável: Deus é a fonte de nosso consolo. “Onde há conforto e consolo, ali Deus está presente sem nenhuma sombra de dúvida”, diz o articulista.

Outra verdade: se almejamos aos Céus, temos que vencer o mundo. Para vencê-lo, temos de colocar Deus como o Senhor de nossas vidas. Ele nos lembra ainda que as lutas que aqui enfrentamos não se comparam com a glória que nos será revelada. Assim, quando Cristo voltar, poderemos dizer como o apóstolo Paulo: “combati o bom combate, acabei a carreira e guardei a fé.”

O que mais deve nos preocupar não é saber quando o Senhor virá, mas, sim, se estamos prontos para recebê-lo. Ora vem Senhor Jesus!

Boa leitura!

Nádia Mello, Editora

BOA DICA



DVD Vida e Missão

Reflexões Bíblicas – Coletânea Volume 1 é resultado de um esforço da Igreja Metodista no Estado do Rio de Janeiro para levar a todas as famílias momentos de edificação e reflexão bíblica. Nele, você encontra mensagens transmitidas pelo bispo Paulo Tarso de Oliveira Lockmann durante o programa de TV Vida e Missão. São no total de oito pregações, com cerca de 15 minutos cada, selecionadas especialmente com o intuito de abençoar vidas. É também uma fonte de evangelização e uma oportunidade para crescimento e fortalecimento da fé pelo conhecimento da Palavra de Deus.

O DVD custa R\$ 10,00 e pode ser adquirido na Sede Regional. Outras informações pelo telefone (21) 3509-1069.

A Nova Comunidade de Discípulos: Fundação e Caminho¹

– Parte 1 –

Estudo de João 13.1-20

Bispo Paulo Tarso de Oliveira Lockmann

OS DISCÍPULOS, O GRUPO PEQUENO DE JESUS

Queremos refletir sobre a exigência bíblica do discipulado na expressão dos grupos pequenos. Não há como contestar a prioridade do discipulado; nosso problema é com os diversos modelos propostos no meio evangélico; muitos com estilos contrários aos Evangelhos, alguns mais próximos aos modelos empresariais de equipes de treinamento em produção e eficiência (não que sejamos contra a eficiência), outros com modelos cabalísticos (simbolismo dos números) e outros baseados em autoritarismo e manipulação.

Seguindo a ênfase do Plano Nacional, entendemos que toda a Igreja precisa tornar-se uma comunidade de discípulos e discipulas, isso “porque reconhecemos a precariedade com que, de modo geral, estamos tratando os novos cristãos, os recém-convertidos, em sua capacitação para o exercício da Missão. E admitindo, também, que temos deixado constante-

mente de nutrir os membros, que há anos participam da Igreja. Muitos desses membros não descobriram seus dons, nem frutificam num ministério, nem conseguem viver uma vida de conformidade com a Palavra de Deus.”²[2]

Por isso, queremos convocar todos a um confronto com as Escrituras Sagradas, nossa vida diante da Palavra. Nossos caminhos no discipulado não serão determinados por terceiros, mas pela orientação da Palavra de Deus. Ainda que em nosso espírito ecumênico, dentro dos limites dado pelo Colégio Episcopal, sejamos abertos a aprender com outros, confrontando sempre tudo com a Palavra e com nossa herança wesleyana.

Assim, inspirados pelo famoso texto do lava-pés, quero refletir mais uma vez sobre o discipulado de Jesus, sabendo que nele foi decisivo o grupo pequeno dos discípulos. Jesus começou com eles, ou seja, chamou os doze ao discipulado permanente, que antes de sua morte se transformou em 11, com

a traição de Judas. É evidente que Jesus começa seu ministério formando um grupo pequeno: “Depois, subiu ao monte e chamou os que ele mesmo quis, e vieram para junto dele. Então, designou doze para estarem com ele e para os enviar a pregar e a exercer a autoridade de expelir demônios.” (cf. Mc 3.13-15). Encerra seu ministério terreno, reunindo seu grupo pequeno e passando as últimas instruções: “Finalmente, apareceu Jesus aos onze, quando estavam à mesa, e censurou-lhes a incredulidade e dureza de coração, porque não deram crédito aos que o tinham visto já ressuscitado. E disse-lhes: Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura.” (Mc 16.14-15). Diante dessas evidências bíblicas, não resta dúvida da prioridade do discipulado, nem da estratégia do grupo pequeno ter sido fundada no Cristianismo pelo próprio Senhor Jesus.

Nosso texto de estudo é um relato que antecede a celebração da Páscoa de

Jesus. Sobre isso, diz León-Dufour: “Ao querer formular seus últimos pensamentos, Jesus começa por constituir sua própria comunidade, os seus discípulos que crêem em sua missão. O gesto do lavar os pés simboliza a doação que Jesus vai fazer de si mesmo, e significa o comportamento de cada um dos discípulos na vida da comunidade.”³[3]

AS LIÇÕES DO LAVA-PÉS –

UM TESTEMUNHO DE HUMILDADE.

a) “...ora, antes da Festa da Páscoa...” (Jo. 13.1).

Na época de Jesus, devido à opressão estrangeira, cada Páscoa era aguardada com grande expectativa, pois, nela, poderia manifestar-se o Messias Libertador de Israel. Na escola rabínica de Hilel⁴[4], avô de Gamaliel, mestre de Paulo e contemporâneo de Jesus, afirmava-se que o Messias deveria vir entre os dias 14 e 15 do mês de Nisan, por ocasião do sacrifício do Cordeiro Pascal, quando, também, fatos extraordinários deveriam marcar esse momento.

Curiosamente, não há em João a celebração da ceia pascal. O texto que registra esse momento íntimo entre Jesus e seu grupo pequeno dos discípulos sublinha que ocorreu antes da festa da Páscoa a grande celebração, uma ceia e o lava-pés. Isso porque, na cronologia de João, possivelmente a mais correta, conforme diversos estudiosos, Jesus é preso antes da Páscoa. “Depois, levaram Jesus da casa de Caifás para o pretório. Era cedo de manhã. Eles não entraram no pretório para não se contaminarem, mas poderem comer a Páscoa.” Como podemos ver, Jesus é posto na cruz na

hora sexta, o mesmo horário que começava na véspera da Páscoa, o Parasceve (cf. Jo 19.14), momento de se sacrificar os cordeiros pascais no templo⁵[5]. Nesta Páscoa, Jesus será como anunciado no início do Evangelho: “Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.” (Jo 1.29). A ceia do Senhor, conforme descrita nos demais Evangelhos, foi, com certeza, comida antes da Pás-

“Não há forma de encarar a missão, a não ser na comunhão do Pai. Jesus repetiu isso diversas vezes: ‘Eu e o Pai somos um.’ (Jo 10.30).

Essa unidade entre o discípulo e o Deus Pai, Filho e Espírito Santo é definitivamente vital no discipulado”

coa judaica, propositalmente, porque Jesus sabia, todo o tempo, de suas iminentes prisão e morte. (cf. Mc 8.31; Lc 9.20-22; Jo 11.53-57).

b) “...sabendo Jesus que era chegada a sua hora...” (Jo. 13.1).

Como Filho de Deus, Jesus sabia o que não sabemos: a hora da sua morte, e isso por cumprir como Messias de Deus uma missão de salvação do mundo (cf. Jo 3.16). Aqui, vem uma pergunta para orientar nosso discipulado: Quantos de

nós temos na comunhão com Deus sua fonte de poder e direção na vida como fez Jesus? E, nessa comunhão, se submete em total obediência?

Não há forma de encarar a missão, a não ser na comunhão do Pai. Jesus repetiu isso diversas vezes: “Eu e o Pai somos um.” (Jo 10.30). Essa unidade entre o discípulo e o Deus Pai, Filho e Espírito Santo é definitivamente vital no discipulado. Só formamos uma comunidade de discípulos se mantemos comunhão com o Senhor e n’Ele, comunhão uns com os outros. Com isso, reconhecemos que é a comunhão com Deus nossa fonte de poder para realizar a missão, e até para enfrentar a morte. Paulo sabia disso; por isso dizia: “Tudo posso naquele que me fortalece.” (Fp 4.13).

Assim, para conhecer os propósitos de Deus para nós, precisamos, como Jesus, ser um só com o Pai em amor.

¹ Mateos e Barreto, Juan – O Evangelho de João. São Paulo: Paulinas. 1989. p. 555.

² Lockmann, Paulo – O Caminho do Discipulado – de Jesus a nós. São Paulo: Cedro. 2000. p.12.

³ León-Dufour, Xavier – Lectura del Evangelio de Juan. Volume III. Sigueme: Salamanca. 1995. p.15.

⁴ Danby, H – Mishna. London: Oxford University. 1958.

⁵ Mateos e Barreto, Juan – op. cit., p.768.



Paulo Tarso de Oliveira Lockmann
bispo da Igreja Metodista na Primeira Região Eclesiástica

Carta Pastoral – Colégio Episcopal (Parte II)

A graça divina e sua ação na vida humana

Paulo é o apóstolo da graça. Ele a expressa em suas cartas, nos ambientes mais contraditórios e diversos, junto das igrejas locais com as quais ele conviveu. Temos visto como, numa igreja conflituosa, doutrinariamente confusa, dividida, ele age pastoralmente, de forma pedagógica, visando proporcionar a ação transformadora da graça nas pessoas, na igreja, nas famílias, na unidade, na comunhão, no testemunho, no caráter, na santificação pessoal, interpessoal e social. Hoje, como nos dias dos coríntios, a ação da graça está em nós, entre nós e por meio de nós. O Espírito Santo é o fundamento de toda a ação divina, como fruto da presença salvadora e transformadora do Senhor Jesus Cristo. Há sinais da graça de Deus no ser humano e nos espaços onde ele vive.

NA VIDA FAMILIAR

A família é fruto do “coração divino”. Há, porém, grande fragilização da família e mudanças na sua maneira de ser na atualidade. Contudo, o núcleo familiar é e sempre será o local básico de “relacionamento humano”. Fomos criados para o relacionamento com Deus, a natureza, conosco, o próximo,

a sociedade, a Igreja... A quebra de relacionamento é “sinal de pecado”, o que ocorreu entre Adão e Eva com o Criador.

A família foi criada para a comunhão, convivência, comunicação. Como em Corinto, as famílias estão fragilizadas em seus relacionamentos: entre o casal, entre pais, mães e filhos/as, irmãos/ãs, sogros/as e genros/noras, etc. Estamos carentes de restauração na vida familiar. Essa é uma obra da “graça reconciliadora e perdoadora”. Somos importantes e necessários. Temos vontade, iniciativa, disponibilidade, mas é a graça divina, presente em Cristo, que nos leva a superar as nossas carências e barreiras. Em Efésios 2.4-10; 13-22, vemos isso. Essa é uma obra da graça que age de modo preveniente, justificador, santificador e consumatório. A graça é reconciliatória – Paulo afirma que “Deus reconciliou consigo o mundo” e nos deu “o ministério da reconciliação”. Essa reconciliação alcança todos os níveis da vida, inclusive a vida em família (1 Co 5.17-6.1-2). Não recebamos em vão, na vida relacional familiar, a graça de Deus.

NO OFERECIMENTO DO PERDÃO

Perdão é sinal de maturidade. Em todos os níveis relacionais que desenvolvemos, há momentos de desafetos, desajustes, injustiça, carência de amor. Ferimos e somos feridos pela violência, seja ela física, emocional, volutiva, inconsciente, verbal. Diante de tantas feridas, a maior carência do ser humano é a de dar e receber perdão. No lar, temos o espaço onde, talvez, haja mais necessidade de perdão.

Na vida cristã, a falta de perdão tem sido uma constante. O ser humano carece da graça divina, pois somente ela concede, em Cristo, perdão. Isso não tem sustentação em nós: somente é possível na graça. Não é obra nossa, mas divina, conforme Paulo nos afirma em Efésios 2.1-10. Deus nos convida a viver a dimensão perdoadora da graça, sob a condução do Santo Espírito. Com toda a complexidade existente na igreja em Corinto, somente pela graça era possível que “em tudo eles fossem enriquecidos” (1 Co 1.4-9).

NAS SITUAÇÕES DE DOR E NO SOFRIMENTO

Paulo viveu experiências tremendas de sofrimento devido ao seu amor

pelo Evangelho de Cristo. Aquele que perseguia pessoas e as fazia sofrer experimentou em si mesmo os mais terríveis dos sofrimentos. As suas cartas, inclusive a enviada à igreja em Corinto, falam da perseguição e incompreensão que sofria. Dor e sofrimento estão presentes na vida de quem é justo ou não é. Anunciar um Evangelho que nega essa realidade é negar a própria natureza da dor e do sofrimento de Cristo, de Paulo, Pedro, Estevão e uma sequência de mártires e seguidores do Senhor. No Antigo Testamento, a preocupação a esse respeito foi tão grande, a ponto de ter-se um livro específico a respeito: Jó.

NA RECONCILIAÇÃO

Paulo menciona, em sua carta aos coríntios, a existência de litígios entre os irmãos. Aliás, não é somente em Corinto que isso ocorreu, mas em outras igrejas, como parece se aperceber em Filipenses (2.1-4). O que mais ocorre na Igreja Evangélica nos dias de hoje é o litígio entre os irmãos. Há denominações partidas ao meio. Questões particulares, doutrinárias, de ordem hierárquica, de aspirações, messianismos, insubmissão à liderança e outras mais têm produzido grandes litígios. Eles hoje não são vistos como um obstáculo ao Corpo de Cristo, mas até como algo aceitável e saudável. Não é assim que Paulo vê essa questão, conforme vemos o seu tratamento dado em 1 Coríntios 1.10-17.

A tensão existente entre os cristãos oriundos do judaísmo e os cris-

tãos gentílicos agravava-se. Paulo foi perseguido pelos judaizantes. O desejo desses de que os “cristãos gentílicos” deveriam ser circuncidados e cumprir a Lei levou os apóstolos a examinarem a questão, conforme Atos 15. Em Efésios 2.11-19, Paulo proclama que, em Cristo, “ambos foram aproximados e reconciliados mediante o sangue de Cristo”. Cristo tornou-se a “paz” entre eles e a universalidade do Evangelho. O seu desejo constante, presente em sua oração sacerdotal (Jo 17), é de que houvesse unidade no Corpo de Cristo: a reconciliação, a paz e a unidade. É claro que não se trata do aspecto institucional da Igreja meramente. Há algo muito superior e de um nível mais elevado. Wesley também viveu perseguição, incompreensão, litígio em sua Igreja, a Anglicana, e nas suas comunidades. Todos conheceram o seu pensamento no sentido de ter-se unidade no fundamento de nossa fé; diversidade na maneira de ser, no que não fere a esses fundamentos bíblicos e apostólicos e, acima de tudo, caridade (amor vivencial) entre todos.

Em Gálatas 1.6-10, Paulo contempla a Igreja, afetada por um evangelho estranho ao de Cristo. Muitos que foram chamados na graça começam a abandonar o caminho de Cristo. Alguns estão perturbando e pervertendo o Evangelho. Ele afirma que, mesmo uma revelação feita por um anjo deve ser rejeitada se não confere com a essência do Evangelho (o chamado Kerygma). E

quem age desta forma deveria ser considerado um “anátema” (maldito). Hoje vivemos num clima semelhante e, em certos aspectos, até muito pior. O Evangelho da graça de Cristo tem sido barateado. Outros evangelhos têm sido anunciados, cativando o povo sofrido e desesperado pelas circunstâncias e sofrimentos da vida; outros são cativados por suas ambições devido às promessas fáceis de prosperidade. Tudo isso tem provocado litígio, quando não também problemas de ordem institucional: busca da hierarquia do poder, disputas, superioridades, vanglória, messianismos.

Se fizéssemos, honestamente, um levantamento estatístico da razão pela qual perdemos membros em nossas igrejas e não conseguimos mantê-los fiéis a Cristo em nossas comunidades, ficaríamos surpresos do quanto esses litígios e aspectos humanos, pessoais e institucionais estão presentes, danificando o Corpo de Cristo. Somos chamados pela graça de Cristo a vivenciar o Evangelho em momentos difíceis, inclusive com litígio, buscando sempre a reconciliação na graça de Cristo.

NA GENEROSIDADE:

O apóstolo Paulo no final de 1 Coríntios (16. 1-8) faz um desafio importante: o levantamento de ofertas para os necessitados da Judéia. Um dos propósitos da terceira viagem missionária foi exatamente juntar fundos das igrejas gentílicas para as pessoas carentes que se encontram na Judéia. Nesse sen-

tido, oferecendo um testemunho concreto da graça de Deus num ambiente de muita carência material. A generosidade, na verdade, significa liberalidade em todos os sentidos. O apóstolo Paulo, em 2 Coríntios 9.5, registra o sentido da generosidade no contexto evangélico.

Na Carta Pastoral do Colégio Episcopal da Igreja Metodista sobre Dízimo, encontramos um importante direcionamento: “a questão financeira não está isolada da verdadeira espiritualidade. Uma espiritualidade plena e engajada passa, invariavelmente, por uma compreensão do verdadeiro lugar da mordomia cristã na vida de cada membro da igreja, bem como na vida da comunidade de fé e serviço. Uma análise bíblica nos levará a entender que, dentro do projeto de Deus, nós somos mordomos de sua maravilhosa criação. A vida financeira do cristão e da cristã precisa estar fundamentada na Palavra de Deus e no espírito evangélico. Contribuir com dízimo não é apenas ato de dever e obrigação, mas também de alegria, espontaneidade, compartilhamento, doação e privilégio (...) Façamos nossa oferta, não por imposição ou necessidade, mas com júbilo. No Metodismo isto não é lei, é graça. É dádiva alegre e fiel.” (p 5 e 6).

NO AMOR E SEUS SINAIS

Fomos criados por um ato do amor do Pai, gerados para amar e receber amor. Uma das consequências do pe-

cado foi a de nos limitar, como seres humanos, na expressão do amor. Voltando-nos para nós mesmos, num egocentrismo imensurável. Não sabemos mais expressar o amor de modo integral e pleno.

Deus nos ama de forma incondicional e visa recuperar essa qualidade divina presente no ser humano. Ele nos ama de uma forma tão ampla e dadivosa que nos concede o seu maior dom (Gl 2.20). O amor divino é ao mesmo tempo um dom divino e um fruto do Espírito Santo (1 Co 13 e Gl 5.22ss). Somente sob o fluxo do amor sobrenatural divino, recebemos a capacidade de amar. Sem estar em Cristo, ligados à videira e nela permanecendo, somos impotentes para amar.

Paulo vê em Corinto uma grande contradição. Numa comunidade que se considera plena do Espírito, cheia dos Seus dons, num ambiente de comunidade do Senhor, vive-se um relacionamento permeado pela discórdia, vanglória, sentimentos de superioridade, divisões, seguidores de líderes os mais diversos, ética comportamental inadequada com a fé em Cristo, falta de unidade, comunhão e convivência. Somente sob o fluxo do amor dadivoso do Pai, do Filho e do Espírito (1Co 13), haveria a esperança de superação de todos os fatores de divisão e discórdia naquela comunidade.

“AMPLIAI-VOS NO AMOR”

Muito daquilo que caracterizou a Igreja em Corinto e outras comunida-

des, como fruto do “viver na carne” e não “no Espírito”, estamos vivenciando nos dias de hoje: discórdia, preconceitos, discriminações, falta de unidade, comunhão, convivência e companheirismo. Há muito espírito de superioridade e vanglória nos grupos evangélicos e entre nós mesmos. Tendências de espiritualidades as mais diversas, em nosso meio, levam-nos a menosprezar uns aos outros. Dons são supervalorizados, estabelecendo falsos e destrutíveis níveis de superioridade e inferioridade. Há toda uma “maquiagem espiritual” encobrindo a essência interior do que deveria ser o Corpo de Cristo.

Nesse contexto, somos chamados a nos quebrantar, deixar Cristo quebrar o nosso egoísmo e a nossa centralidade em nós mesmos e em nossos esquemas, sistemas e posições teológicas ou religiosas, permitindo que o “amor de Cristo nos constranja” a viver e andar no Espírito, dele recebendo a graça do amor sobrenatural. O que Ezequiel previu (Ez 11.19) carecemos que aconteça em nós: ser tirado o coração de pedra e, em seu lugar, ser colocado um coração de carne, sensível, solidário, dadivoso, doador da graça, do amor mútuo. Esse caminho foi buscado, enfatizado e vivenciado por Paulo em Corinto, inspirado no maravilhoso e convincente amor de Cristo. Ele é o nosso referencial, pois, no porvir, tudo passará somente o amor permanecerá.

O ministério da consolação: seguindo os ensinamentos de Paulo

Pr. Edson Fernando*

Ao tratar de temas como morte, sofrimento e dor, é inevitável que reflitamos sobre o ministério da consolação. Consolar é aliviar a dor daquele que sofre, é servir de suporte para alguém necessitado de carinho, conforto e amor. Consolar é uma arte que envolve despojamento, aceitação de si e do outro, e principalmente disponibilidade para ouvir o semelhante.

A segunda carta aos Coríntios poderia ser descrita como a carta da consolação. No capítulo inicial, Paulo fala do consolo que recebeu de Deus por ocasião das tribulações que lhe sobrevieram na Ásia. No capítulo final, o apóstolo reafirma o consolo que vem dos céus quando, ao confessar as suas lutas interiores e exteriores, a voz divina se lhe manifesta com ternura e força: a minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza (12.9).

Deus é, segundo o apóstolo, a fonte de toda a consolação (1.3). Ou seja, onde há conforto e consolo, ali Deus está presente sem nenhuma sombra de dúvida. Ali onde corações se sentiram fortalecidos e animados para continuar vivendo, Ele se fez presente, mesmo que seu nome não tenha sido invocado. Sua pre-

sença chega a arder o coração daquele que se sente consolado, mesmo que não seja uma presença percebida.

Um exemplo disso está no capítulo 24 de Lucas, quando Jesus caminha com dois discípulos que vão de Jerusalém a Emaús. Seus corações estavam desolados pelos últimos acontecimentos em Jerusalém. A morte de Jesus e a diáspora dos discípulos trouxeram uma profunda tristeza, desânimo e desesperança. Podemos dizer que aquele era um momento de luto para os caminhantes de Emaús. Jesus se aproxima, caminha com eles e os ajuda a redescobrir a presença de Deus no drama dos últimos acontecimentos.

Dissemos, no começo desta lição, que consolar é uma arte que envolve os seguintes elementos: despojamento, aceitação e disponibilidade para ouvir. Reflitamos, pois, sobre esses aspectos.

1. O ministério da consolação requer de nós grande despojamento. Despojar no sentido de esvaziar-se de si para acolher a pessoa necessitada. A ideia do esvaziamento é importante porque muitas vezes nós não conseguimos nos aproximar da pessoa atribulada e desolada porque estamos inflados, cheios de precon-

ceitos que impedem uma real aproximação. Como poderei ouvir uma pessoa que precisa de minha ajuda se fico julgando-a o tempo todo? Isso lembra a seguinte cena: uma criança que tropeça e cai. E o irmãozinho, em vez de ajudá-la a refazer-se da dor, fica dizendo: “Eu te disse para não fazer isso!” Certamente haverá um momento para essa criança refletir se não agiu bem indo por aquele caminho. Mas aquele não era o momento apropriado para esse tipo de reflexão. A hora era de socorro, de ajuda, de uma mão que a ajudasse a levantar-se. Jesus só pôde aproximar-se da mulher samaritana e ser fonte de saúde para a vida daquela mulher, porque esvaziou-se dos preconceitos contra ela e os samaritanos, fitando-lhe um olhar de misericórdia, não de condenação. Barnabé, cujo nome significa filho da consolação (At 4.36-37), não ficou julgando ou ‘dando lições’ para Paulo, depois de sua conversão. Ao contrário, apresentou Paulo aos apóstolos ressaltando o seu valor e sua dignidade (At 9.26ss). Mesmo assim, incompreendido, o futuro apóstolo dos gentios teve que amargar um recolhimento de muitos meses na cidade de Tarso. Foi Barnabé que mais tarde foi ao encontro

de Paulo em Tarso para levá-lo a Antioquia (At 11.22ss). Foi o trabalho consolador, confortador e encorajador de Barnabé que criou condições para que Paulo respondesse ao chamado missionário.

2. O segundo aspecto do ministério da consolação diz respeito à aceitação da pessoa como ela é. Muitas vezes olhamos para elas querendo ajustá-las, querendo que sejam à nossa imagem e semelhança. Esse comportamento impede que nossa presença seja realmente consoladora. Só há consolação naquele lugar em que nos sentimos verdadeiramente iguais àqueles (as) que nos propomos ajudar. Ou seja, na arte da consolação não há ninguém bonzinho, são, certinho que vai consolar alguém mal, doente, errado. Não, no fundo trata-se sempre de uma troca de atos de solidariedade. No mesmo momento em que nos aproximamos para consolar, nós nos sentimos consolados com a presença do outro. Por que, no fundo, ambos, o que consola e o que é consolado, são absolutamente dependentes da graça de Deus. A graça divina impede qualquer tentativa de nos colocarmos como superiores ao outro. Para isso, é necessária uma radical aceitação do outro. Quando a pessoa percebe que a aceitamos sem reservas, cria-se uma ponte de solidariedade para que se possa falar, confessar, expressar aquilo que há de mais profundo em nós. E então os lamentos, as mágoas, as emoções vêm à tona, e o verdadeiro consolo torna-se possível.



3. O terceiro aspecto é completar aos outros dois. Não há ministério da consolação sem que haja uma sincera disposição de ouvir outro. A orientação de Tiago é aqui fundamental: Todo ser humano seja pronto para ouvir, tardio para falar, tardio para se irar (Tg 1.19). Se no ministério profético a palavra, a fala, os lábios cumprem um papel fundamental, no ministério da consolação os ouvidos e os braços acolhedores são de fundamental importância. E aqui vale ressaltar que o ouvir é diferente de escutar. Eu posso ficar horas escutando uma pessoa se expressar sem que necessariamente

eu a ouça. Ouvir implica uma atitude de atenção, de verdadeiro interesse pelo que a pessoa está dizendo. Ouvir implica despojamento, suspensão dos nossos juízos, para que a pessoa se sinta à vontade para falar de suas dores, de suas dificuldades ou mesmo de suas alegrias mais profundas. Foi o teólogo Dietrich Boenhofer quem disse: “Quem não ouve demorada e pausadamente o seu semelhante, provavelmente não ouvirá mais o próprio Deus”.

***Pr. Edson Fernando é professor do Curso de Teologia da Faculdade Metodista Bennett**

Apocalipse: o filme 2012 e o fim do mundo

Pr. Marcelo Carneiro *

O lançamento do filme *2012* trouxe à tona – de novo – a questão sobre a data do fim do mundo. Não estamos questionando *se* ele irá acontecer, mas *como* e *quando*. De fato, é possível prever a data do fim do mundo? Ou ainda, definir com detalhes de que maneira ele se dará? Para responder a essas questões iremos recorrer à Bíblia, nossa fonte de orientação e regra de fé e prática.

Para começo de conversa, é bom lembrar que, de fato, esperamos “novos céus e nova terra” (Is 65.17; Ap 21.1). Isso quer dizer que a fé cristã, desde sua matriz judaica, crê que em algum momento Deus irá se manifestar de forma definitiva na história, num evento de proporções cósmicas. No entanto, para a fé bíblica, esse evento já começou na ressurreição. Veja o que Paulo afirma: “Mas, de fato, Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo ele as primícias dos que dormem” (1 Co 15.20). Ele fez essa afirmação no contexto da esperança cristã na ressurrei-

ção futura. E a manifestação dos ressurretos se dará num momento especial, determinado pelo próprio Deus, como o apóstolo continua em sua exposição do tema, no verso 23: “Cada um, porém, por sua própria ordem: Cristo, as primícias; depois, os que são de Cristo, na sua vinda (parusia)”. É a vinda de Cristo que irá determinar o fim da história como conhecemos. O fim das coisas não é algo em si mesmo, mas consequência da manifestação da pessoa gloriosa de Cristo.

Sendo assim, o que está em questão nas imagens sobre o fim do mundo são três aspectos nos quais a Bíblia é muito clara:

(1) Tanto no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento, esse dia é chamado Dia do Senhor, ou seja, há uma centralidade na pessoa de Deus e de Cristo, em sua vinda ou manifestação. Nos filmes de fim de mundo ou mesmo na ideia popular sobre o fim do mundo, este conceito não aparece;

(2) A Bíblia não autoriza previsões

de datas desse acontecimento. Diante do “quando?”, Jesus respondeu claramente: “Não vos compete conhecer tempos ou épocas que o Pai reservou pela sua exclusiva autoridade” (At 1.7). Isto quer dizer que somente Deus e seu Filho sabem quando será, mais ninguém. E essa determinação não pode ser contrariada, seja por quem for.

(3) A Palavra de Deus não sustenta uma imagem única do fim, apesar de existir elementos comuns. Os diferentes textos sobre o fim das coisas não procuram ser um retrato detalhado dos acontecimentos, mas um indicativo para alimentar a fé do povo, que saberia o que esperar do futuro. Vamos dar alguns exemplos: Em Coríntios, Paulo afirma que o fim virá com a ressurreição dos mortos e a transformação dos vivos (1 Co 15.24,51-52). Em 1 Tessalonicenses, entendemos que essa ressurreição e transformação não se darão na Terra, mas nos ares (1 Ts 4.13-17). Já os Evangelhos mostram as catástrofes que anteciparão a vinda

do Senhor, seja o “princípio das dores” (Mt 24.6-8), ou o próprio fim (Mt 24.29-31).

Diante desses dados, qual é a postura adequada daqueles e daquelas que vivem nesta fé cristã? Essas profecias não estão na Bíblia para assustar; pelo contrário, para consolar. A esperança que Deus quer infundir em nós deve gerar uma reação positiva e, assim, evitar dois extremos. Por um lado, podemos pender para um conformismo fatalista, de quem acha que não devemos

fazer nada por esse mundo. Isso porque, na história, muitos grupos se esconderam em mosteiros e cavernas por causa disso. Pensavam que só assim poderiam ser salvos. Afinal, o mundo está fadado à destruição e ao juízo.

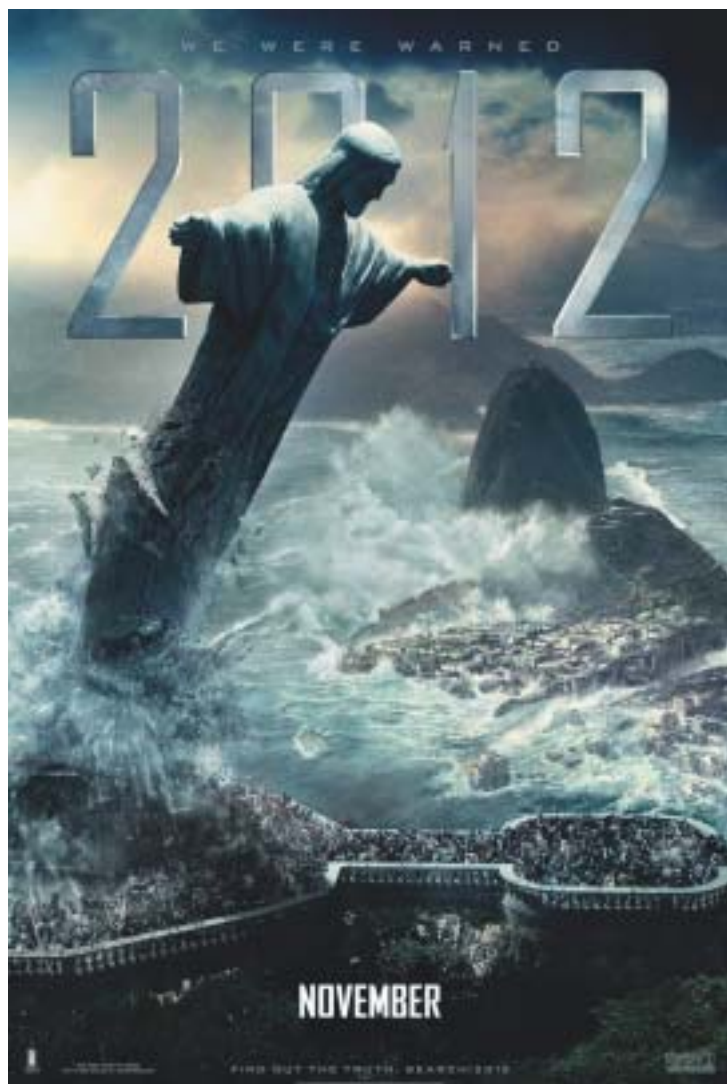
Também não devemos incorrer num *presentismo* do Reino de Deus, agindo como se tudo já tivesse se realizado. Na época de Paulo, existiam alguns que afirmavam que a ressurreição geral já tinha acontecido (2 Tm 2.18) e alguns outros afirmavam o contrário, que não

havia ressurreição (1 Co 15.12). Com essa postura, alguns podem até mesmo achar que o homem consegue resolver seus problemas por meio de projetos políticos ou pelos esforços de pessoas bem intencionadas, e que pelo seu trabalho poderão tornar o mundo um lugar melhor.

Qual deve ser a postura adequada, então? Em primeiro lugar, uma postura ativa de esperança, que nos anima a confiar em Deus e suas promessas, sem medo desta vida ou do futuro. Além disso, deve nos levar ao anúncio da mensagem de vida em Cristo, conforme seu próprio desejo expresso para os discípulos após a ressurreição: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-as a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos” (Mt 28.19-20). Ou seja, enquanto não chegar o fim, nosso projeto de vida está ligado ao propósito divino de alcançar todas as pessoas com as boas novas e ensinar-lhes essa mesma esperança de que, mesmo se tudo vier a terminar, a vida com Deus jamais terá fim.

Fica então uma pergunta: você está preparado para este momento? Que nossa fé seja mais forte que o receio do fim e que filmes como *2012* sejam apenas entretenimento para nós; interessantes, mas nada além disso.

* Pr. Marcelo Carneiro é Coordenador do Curso de Teologia da Faculdade Metodista Bennett



No Brasil, o filme até janeiro deste ano atraiu um público superior a 5 milhões de espectadores

João Ferreira de Almeida: A obra de uma vida

Conhecido pela autoria de uma das mais lidas traduções da Bíblia em português, ele teve uma vida movimentada e morreu sem terminar a tarefa que abraçou ainda muito jovem. Entre a grande maioria dos evangélicos do Brasil, o nome de João Ferreira de Almeida está intimamente ligado às Escrituras Sagradas. Afinal, é ele o autor (ainda que não o único) da tradução da Bíblia mais usada e apreciada pelos protestantes brasileiros. Disponível aqui em duas versões publicadas pela Sociedade Bíblica do Brasil – a Edição Revista e Corrigida e a Edição revista e Atualizada –, a tradução de Almeida é a preferida de mais de 60% dos leitores evangélicos das Escrituras no País, segundo pesquisa promovida por A Bíblia no Brasil.

Se a obra é largamente conhecida, o mesmo não se pode dizer a respeito do autor. Pouco, ou quase nada, tem-se falado a respeito deste português da cidade de Torres de Tavares, que morreu há 300 anos na Batávia (atual ilha de Java, Indonésia). O que se conhece hoje da vida de Almeida está registrado na “Dedicação” de um de seus livros e nas atas dos presbitérios de Igrejas Reformadas do Sudeste da Ásia, para as quais trabalhou como pastor, missionário e tradutor durante a segunda metade do século XVII.

De acordo com esses registros, em 1642, aos 14 anos, João Ferreira de

Almeida teria deixado Portugal para viver em Málaca (Malásia). Ele havia ingressado no protestantismo, vindo do catolicismo, e transferia-se com o objetivo de trabalhar na Igreja Reformada Holandesa local. Dois anos depois, começou a traduzir para o português, por iniciativa própria, parte dos Evangelhos e das Cartas do Novo Testamento em espanhol. Além da Versão Espanhola, Almeida usou como fontes nessa tradução as Versões Latina (de Beza), Francesa e Italiana – todas elas traduzidas do grego e do hebraico. Terminada em 1645, essa tradução de Almeida não foi publicada. Mas o tradutor fez cópias à mão do trabalho, as quais foram mandadas para as congregações de Málaca, Batávia e Ceilão (hoje Sri Lanka). Mais tarde, Almeida tornou-se membro do Presbitério de Málaca, depois de escolhido como capelão e diácono daquela congregação.

O tradutor permaneceu em Málaca até 1651, quando se transferiu para o Presbitério da Batávia, na cidade de Djakarta. Lá, foi aceito mais uma vez como capelão, começou a estudar teologia e, durante os três anos seguintes, trabalhou na revisão da tradução das partes do Novo Testamento feita anteriormente. Depois de passar por um exame preparatório e de ter sido aceito como candidato ao pastorado, Almeida acumu-

lou novas tarefas: dava aulas de português a pastores, traduzia livros e ensinava catecismo a professores de escolas primárias. Em 1656, ordenado pastor, foi indicado para o Presbitério do Ceilão, para onde seguiu com um colega chamado Baldaeus.

Ao que tudo indica, esse foi o período mais agitado da vida do tradutor. Durante o pastorado em Galle (Sul do Ceilão), Almeida assumiu uma posição tão forte contra o que ele chamava de “superstições papistas”, quando o governo local resolveu apresentar uma queixa a seu respeito ao governo de Batávia (provavelmente por volta de 1657). Entre 1658 e 1661, é poça em que foi pastor em Colombo, ele voltou a enfrentar problemas com o governo, o qual tentou, sem sucesso, impedi-lo de pregar em português. O motivo dessa medida não é conhecido, mas supõe-se que estivesse novamente relacionado com as ideias fortemente anticatólicas do tradutor.

A passagem de Almeida por Tuticorin (Sul da Índia), onde foi pastor por cerca de um ano, também parece não ter sido das mais tranquilas. Tribos da região negaram-se a ser batizadas ou ter seus casamentos abençoados por ele. De acordo com seu amigo Baldaeus, o fato aconteceu porque a Inquisição havia ordenado que um retrato de Almeida fosse queimado numa praça pública em

Goa. Foi também durante a estada no Ceilão que, provavelmente, o tradutor conheceu sua mulher e casou-se. Vinda do catolicismo romano para o protestantismo, como ele, chamava-se Lucretia Valcoa de Lemmes (ou Lucrecia de Lamos). Mais tarde, a família completou-se, com o nascimento de um menino e de uma menina.

A partir de 1663, Almeida trabalhou na congregação da Batávia, onde se falava português. Lá, ele ficou até o final da vida. Nesta nova fase, teve uma intensa atividade como pastor. Os registros a esse respeito mostram muito de suas ideias e personalidade. Entre outras coisas, Almeida conseguiu convencer o presbitério de que a congregação que dirigia deveria ter a sua própria cerimônia da Ceia do Senhor. Em outras ocasiões, propôs que os pobres recebessem ajuda em dinheiro da igreja tivessem a obrigação de frequentá-la e de ir às aulas de catecismo. Também se ofereceu para visitar os escravos da Companhia das Índias, nos bairros em que moravam, para lhes dar aulas de religião – sugestão que não foi aceita pelo presbitério – e, com muita frequência, alertava a congregação a respeito das “influências papistas”.

Ao mesmo tempo, retomou o trabalho de tradução da Bíblia, iniciado na juventude. Foi somente então que passou a dominar a língua holandesa e a estudar grego e hebraico. Em 1676, Almeida comunicou ao presbitério que o Novo Testamento estava pronto. Aí começou a batalha do tradutor para ver o texto pu-

blicado – ele sabia que o presbitério não recomendaria a impressão do trabalho sem que fosse aprovado por revisores indicados pelo próprio presbitério. E também que, sem essa recomendação, não conseguiria outras permissões indispensáveis para que o fato se concretizasse: a do governo da Batávia e da Companhia das Índias Orientais, na Holanda.

Escolhidos os revisores, o trabalho começou e foi desenvolvido vagarosamente. Quatro anos depois, irritado com a demora, Almeida resolveu não esperar mais: mandou o manuscrito para a Holanda por conta própria para ser impresso lá. Mas o presbitério conseguiu parar o processo, e a impressão foi interrompida. Passados alguns meses, depois de algumas discussões e brigas, quando o tradutor parecia estar quase desistindo de apressar a publicação de seu texto, cartas vindas da Holanda trouxeram a notícia de que o manuscrito havia sido revisado e estava sendo impresso naquele país.

Em 1681, a primeira edição do Novo Testamento de Almeida finalmente saiu da gráfica. Um ano depois, ela chegou à batávia, mas apresentava erros de tradução e revisão. O fato foi comunicado às autoridades da Holanda, e todos os exemplares foram destruídos, por ordem da Companhia das Índias Orientais. As autoridades Holandesas determinaram que se fizesse o mesmo com os volumes que já estavam na Batávia. Pediram também que se começasse, o mais rápido possível, uma nova e cuidadosa revisão do texto.

Apesar das ordens recebidas da Holanda, nem todos os exemplares recebidos na Batávia foram destruídos. Alguns deles foram corrigidos à mão e enviados às congregações da região (um desses volumes pode ser visto hoje no Museu Britânico, em Londres). O trabalho de revisão e correção do Novo Testamento foi iniciado e demorou dez longos anos para ser terminado. Somente após a morte de Almeida, em 1693, é que essa segunda versão foi impressa, na própria Batávia, e distribuída.

Enquanto progredia a revisão do Novo Testamento, Almeida começou a trabalhar com o Antigo Testamento. Em 1683, ele completou a tradução do Pentateuco (os cinco primeiros livros do Antigo Testamento). Iniciou-se, então, a revisão desse texto, e a situação que havia acontecido na época da revisão do Novo Testamento, com muita demora e discussão, acabou se repetindo. Já com a saúde prejudicada. Pelo menos desde 1670, segundo os registros Almeida teve sua carga de trabalho na congregação diminuída e pôde dedicar mais tempo à tradução. Mesmo assim, não conseguiu acabar a obra a qual havia dedicado a vida inteira. Em 1691, no mês de outubro, Almeida morreu. Nessa ocasião, ele havia chegado até Ezequiel 48.21. A tradução do Antigo Testamento foi completada em 1694 por Jacobus op den Akker, pastor holandês. Depois de passar por muitas mudanças, ela foi impressa na Batávia, em dois volumes: o primeiro em 1748 e o segundo, em 1753.

PROGRAMA



*Vida &
Missão*

IGREJA METODISTA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO



O Programa Vida e Missão está sendo veiculado em dois horários distintos em função das áreas de cobertura da emissora Band (RJ1 e RJ2).

Na área RJ1 (Rio de Grande Rio), ele é veiculado às 7h30 e na RJ2 (demais localidades) às 8h.